



*a Ordem dos*  
**Arquivistas**  
CENTÉSIMO



Ricardo Sodré Andrade



*a Ordem dos*  
**Arquivistas**  
CENTÉSIMO



Copyright © 2014 Editora 9Bravos

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e os diálogos foram criados a partir da imaginação do autor e não são baseados em fatos reais. Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

1ª edição – 2012

Todos os direitos reservados

Autor: Ricardo Sodré Andrade - [www.ricardo.arquivista.net](http://www.ricardo.arquivista.net)

Website do livro: [www.arquivista.net/ordem/](http://www.arquivista.net/ordem/)

Revisão de texto: Arthur Ferreira Jr.º

Ilustração da capa: Yuji Schmidt - [www.yujiarte.carbonmade.com](http://www.yujiarte.carbonmade.com)

Capa e diagramação: Cristiane Viana - <http://www.behance.net/estudiochaleira>

Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo, sem a autorização escrita da Editora. A Editora não se responsabiliza por eventuais danos causados pelo mau uso das informações contidas neste livro.

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A 553

Andrade, Ricardo Sodré

A ordem dos arquivistas : o centésimo / Ricardo Sodré Andrade. – 2. ed. - Salvador : 9Bravos, 2014.

ISBN: 978-85-67178-04-2

1. Ficção brasileira I. Título

CDD 869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93



**9Bravos**

Caixa Postal 10537

CEP: 40170-970 - Salvador - BA - Brasil

[contato@9bravos.com.br](mailto:contato@9bravos.com.br) | [www.9bravos.com.br](http://www.9bravos.com.br)

*Este livro é dedicado a todos  
os estudantes, profissionais  
e entusiastas da Arquivologia*



# Prólogo

Continente de Herma, Reino de Astoril, vigésimo sexto ciclo de estações do reinado de Elodim III, o sábio.

Meu nome é Eli Saridem e morei durante toda minha breve vida em Sanmaric, uma grande cidade de vocação comercial, fértil para os artistas e lucrativa para os mestres artesãos. A cidade estava incrustada no litoral, sempre em contato com o restante do mundo por meio das histórias dos marinheiros e dos visitantes inesperados. Sanmaric era ordeira, com os senhores e as damas protegidas pelos vários soldados do rei, todos com suas armaduras de metal e couro, seus escudos reluzentes e suas espadas afiadas.

Por todo lado de Sanmaric era possível avistar-se casas de madeira e alvenaria. Telhados de barro e muitas chaminés. Algumas torres de pedra acinzentada se erguiam na cidade, e uma cidadela abrigava o prefeito designado pelo rei, sua família, os funcionários diretos e sua guarda pessoal. Nas praças, bardos viajantes contavam para crianças e adultos, com imaginação dotada de asas fortes, suas histórias de dragões majestosos, magos poderosos, heróis corajosos, tesouros que poderiam mudar a vida de um homem e lugares fantásticos dos quais muitos exploradores não tiveram coragem de voltar. Também havia as lendas de Pardes.

A história de Pardes me deixava particularmente atraído. As lendas começavam e terminavam em Pardes; lá estava o lar de seres fantásticos, guardava o poder de controlar a natureza e velava o conhecimento do início e do fim. Mas eram histórias para os pequenos.

Quando eu era criança, aprendi a andar, cantar, ler e escrever. Ouvi muitas das histórias dos bardos e minha imaginação tinha asas fortes, naquela época em que tudo era feito de ouro e reluzia. Quando ganhei uma flauta de Pantarir, região famosa pela fabricação de bons instrumentos de sopro, passei a praticar todo o dia. Esse fato foi anunciado para meu tio Oberon, que me presenteou com três pequenas partituras de músicas para crianças. Mas foram executadas repetidamente apenas, até acabar meu curto entusiasmo infantil com relação ao instrumento de sopro.

Ainda me lembro como se cantarola e como se toca na flauta de madeira aquelas pequenas canções. Mas o instrumento está há algum tempo como um brinquedo velho no quarto de um garoto crescido. As asas da minha imaginação haviam enfraquecido.

As três canções eu jamais esqueceria, nem a letra, nem como as tocar, nem a melodia tantas vezes cantarolada na mente. Permitam-me partilhar as principais estrofes de cada uma delas com vocês:

*Porta, porta, o que guarda?*

*Diga-me o que esconde.*

*Abra agora, sem demora.*

*Vou entrar, não se zangue.*

— PORTAL DAS PEDRAS



*Gigante de pedra que guarda o rei.*

*Levante agora o martelo de guerra.*

*O reino precisa cumprir sua lei.*

*Para manter a paz na terra.*

— GIGANTE DO REI



*Um mapa raro o arquivista encontrou.*

*Para Pardes ele apontava.*

*Foi isso o que sempre sonhou.*

*Pé após pé, na ponte, ele caminhava.*

— MAPA DO ARQUIVISTA

Minha família era, em sua maioria, de comerciantes que traziam dos extremos do continente e das diversas ilhas dos mares facilmente navegáveis os produtos para vender em Sanmaric. As especiarias do Calahar, os tecidos de Ouvedum, os perfumes de Misia e os pássaros de Azur. Os instrumentos de sopro de Pantarir também, principalmente as tão procuradas flautas, das quais eu possuía um exemplar.

Minha flauta de madeira, fabricada por um dos mestres carpinteiros de Pantarir, tinha muito boa sonoridade. Não era muito cara, como convinha a um objeto destinado ao aprendizado de uma criança, mas, ainda assim, era superior às utilizadas por diversos músicos de rua que se apresentavam pela cidade, ávidos por qualquer moeda de ferro que pudessem colocar nas bolsas arriadas de coleta.

Também é importante mencionar que eu tenho olhos cinzentos. Ter olhos cinzentos é um fato raro. Em Sanmaric, conhecia apenas pessoas da minha família com essa peculiaridade e muitos me disseram, ao longo dos anos, que em toda Herma havia poucas pessoas com a mesma cor nos olhos. Na infância, essa característica era útil: quando eu me perdia, as pessoas sabiam a quem deveriam me devolver. Mas nem sempre era visto como algo bom. Lembro-me claramente do velho mendigo maltrapilho do porto de Sanmaric, que certa vez parou em minha frente e me ficou encarando. O cheiro não era dos melhores e eu ainda tive que gritar por socorro quando ele agarrou minha cabeça e começou a gritar como um louco. Gritou a pleno fôlego algo como “uma daquelas criaturas da Pardes”, tantas vezes quanto o conseguiu, sacudindo-me, levantando-me e girando-me, até que alguém o enxotou para longe. Enfim, ter olhos cinzentos era um tanto quanto diferente.

Quando completei catorze ciclos de estações, meu tio Oberon sugeriu aos meus pais que eu deveria ir estudar durante algum tempo na Universidade de Sanmaric, que ficava acerca de quarenta quilômetros do núcleo urbano. A ideia, a princípio, não me agradou muito, mas foi bastante interessante aprender um pouco de geometria, botânica, química, leitura e caligrafia, lógica, legislação e história, além de outras disciplinas que não me interessavam tanto, mas eram obrigatórias. Durante quase todo aquele período, tio Oberon me enviava cartas e passei a compreender muito mais acerca do que ele fazia para ganhar a vida.

Tio Oberon pertencia à Ordem dos Arquivistas e passara boa parte da vida morando e trabalhando em uma das fortalezas da Ordem. Não era em qualquer um dos arquivos perto das maiores cidades do Reino, era um

pouco além disso: ele trabalhava na Fortaleza do Vale, o maior de todos os edifícios da Ordem. Ficava muitas luas de cavalgada de Sanmaric, mas, era de uma certa forma facilmente alcançável pela Estrada de Sal, que cortava boa parte de Astoril.

Era uma viagem tranquila de Sanmaric até a Fortaleza do Vale. Era a mesma estrada para ir até a capital do reino, até certo ponto. Por causa da proximidade, aquele arquivo era responsável pela guarda e preservação dos registros produzidos na corte real e nos arredores.

Segundo contavam, foi instalado em um complexo de construções fortificadas feitas de pedra, construído há muito tempo. Abrigava uma poderosa muralha, um grande prédio principal e era chamado por muitos nomes, como Fortaleza do Vale, Castelo da Ordem ou apenas o Arquivo, como era mais comum se referirem, como se fosse o único, apesar de ser o maior. A poderosa muralha serviu a muitos reis do passado, defendendo Astoril dos inimigos invasores. Agora, a fortaleza protegia parte da memória dos reinados, das cidades e do povo, para contar a história do nosso passado e dos dias de hoje para as próximas gerações de habitantes do continente.

No Arquivo, os membros da Ordem dos Arquivistas possuíam a tarefa de registrar, autenticar, transcrever, armazenar, conservar e até mesmo descartar os documentos produzidos no reino. Não era uma mera biblioteca de compêndios de conhecimento e tratados de história; ela possuía a própria matéria-prima das histórias: os registros dos atos dos governantes, das pessoas e das instituições que existiam ou um dia existiram em Astoril e atuavam nas terras que circundavam o vale, incluindo a capital.

Tio Oberon me contava sobre os incontáveis depósitos de documentos do Arquivo. Dizia que se organizassem lado a lado todos os documentos, formar-se-ia uma grande fila até Sanmaric, percorrendo toda a Estrada de Sal. Devia ser um grande exagero: ele esquecia que eu já era um rapaz crescido e esse esquecimento era evidente quando ele fantasiava para provocar uma mente juvenil, contando sobre o que havia no subterrâneo do Arquivo. Um lugar que abrigava seres fantásticos, galerias e túneis com tesouros e perigos. Às vezes eu me sentia novamente brandindo minha espada de madeira pelas ruas de Sanmaric, acompanhado de outras crianças. Porém, o mais comum era eu me lembrar de que no dia seguinte eu teria um exame de botânica, ou de outra matéria qualquer, e que deveria estudar.

Passaram-se dois ciclos de estações quando retornei para casa. Estranhamente, no último ciclo eu não havia recebido uma carta sequer do tio Oberon. Era a primeira vez em muito tempo que isso acontecia.

Terminados os dois ciclos de estudos na universidade, resolvi passar algum tempo com minha família. Mais duas estações sem notícias do tio Oberon se passaram e a sensação comum era de que algo havia ocorrido.

Confesso que o impulso pela aventura contribuiu muito para minha decisão. Adiei um bom emprego de comerciante para viajar até o vale do Arquivo, seguindo a Estrada de Sal, para buscar notícias sobre meu tio.

Não foi difícil convencer a família acerca da segurança da viagem. Afinal, era uma estrada bem movimentada, bem protegida e eu ficaria bem, se seguisse junto às caravanas.

Pessoas iam e vinham por aquele caminho todos os dias e as notícias ruins eram bastante raras. Além disso, eu acreditava estar na idade de fazer minhas próprias viagens e de conhecer o que havia no reino; não havia jornada melhor do que percorrer a principal rota do reino.

Arrumei minha bagagem e num dia de sol que me pareceu ideal para o princípio da primeira grande aventura da minha vida, iniciei minha viagem a cavalo pela boa e segura Estrada de Sal. O destino era o vale do Arquivo, a fortaleza da Ordem dos Arquivistas, que custodiava os documentos do rei, do reino e do povo de Astoril.



## Capítulo 1



# Fim da estrada de Sal

A Estrada de Sal fora construída há vários anos, por iniciativa de Elodim I. Era uma grande e bem construída estrada que cortava o reino, feita por meio de um engenhoso preparo do terreno e revestida na parte superior por pedras de basalto. Com algumas poucas ramificações, a estrada era segura e possibilitava uma viagem rápida de uma ponta a outra do reino de Astoril.

O Sol ainda estava longe de se esconder atrás do horizonte, mas já avistávamos o Florete de Prata, a próxima parada da caravana que eu acompanhava. Ainda seria possível alcançar o vale do Arquivo e encontrar descanso na Fortaleza do Vale ou no vilarejo próximo, mas eu teria que seguir sozinho.

O Florete de Prata era uma construção interessante. Um casarão de madeira em uma sólida base de pedras, algumas outras pequenas casas em pontos dispersos, rodeada por um vasto terreno cercado por uma muralha de troncos de árvores dispostos verticalmente, lisos pela total retirada da casca áspera e enterrados no chão. Era alto. Um portão e uma guarita de proteção para verificar quem estava do lado de fora eram a única forma de comunicação com o lado interno. Além disso, desconfiei que, pelo menos, outras duas guaritas estavam dispostas em outros pontos do muro. Era uma pousada segura para os viajantes que iriam que enfrentar a última parte da viagem até a capital, daquele ponto em diante. A caravana enfrentaria o restante da estrada a partir do dia seguinte, bem cedo.

– Eli, vamos parar. Você vai mesmo para o vale? Deveria nos acompanhar até a capital! – convidou o velho Tute, baixo e careca, condutor da carroça que seguia atrás de mim na fila.

O velho Tute era comerciante de vinho. Dizia que havia visitado toda Astoril em sua juventude, mas a idade avançada só o permitia percorrer a Estrada de Sal e suas vicinais em boas condições, pois os balanços da estrada afligiam seu corpo cansado com dores. “Mas, se parar de viajar, morreria de vez”, ele não cansava de dizer. Provavelmente já não andava por aí por dinheiro, mas pelo prazer de reviver as aventuras que agora eram apenas histórias para as crianças que seguiam junto à caravana e, durante as noites em volta da fogueira, ouviam os contos que misturavam realidade com fantasia.

– Já disse que não posso, tenho negócios a tratar na Fortaleza do Vale! – gritei um pouco mais alto para trás, em resposta à pergunta anterior.

– Quem avisa amigo é. Vai ficar entediado. Só tem coisa velha naquele lugar! Há alguns anos eu poderia sentir o cheiro de coisa velha sem nem precisar entrar no vale pela estradinha. – o velho coçava a testa protegida pelo grande chapéu, um sombreiro, que usava para viajar.

– Você sente cheiro ruim em tudo, velho – ralhei com um sorriso largo.

– Vá brincando... De qualquer forma, o melhor lugar para ficar lá é a Tomos, vai descobrir facilmente onde fica.

Fiz meu cavalo, o Durko, ir para a esquerda e emparelhei com a carroça do velho, diminuindo minha velocidade.

– Obrigado pela companhia, Tute, a viagem seria bem mais chata sem você – confessei.

– A gente faz o que pode. Já andei muito por essa estrada e estou sentindo que em breve não poderei viajar mais. Meu traseiro não aguenta ficar levando tanto solavanco dessa carroça velha por causa dessas pedras mal colocadas.

– As pedras não são mal colocadas, seu traseiro é que precisa deixar de ser tão sensível – achei muita graça da situação.

– Então não vai ficar mesmo com a gente? – um semblante sério, não ranzinza, mas sério, se acomodou naquele rosto cheio de rugas da idade avançada.

– Não, vou realmente continuar seguindo a estrada. Você me disse que devo tomar uma estrada menor semelhante a esta que segue para a direita, daqui a duas horas de cavalgada, não é isso?

Ele apenas balançou a cabeça afirmativamente.

– Garoto... – começou. – Fique de olho nos velhacos do Arquivo. Contam por aí histórias sinistras sobre eles.

– Que tipo de histórias? – minha curiosidade aguçou os ouvidos.

– De todo o tipo. – cuspiu para fora da carroça. – Dizem que um dos líderes deles é um mago que ensina bruxarias. Também dizem que no subterrâneo há um dragão que a Ordem cria há vários séculos.

– Por qual motivo a Ordem dos Arquivistas manteria um dragão cuspidor de fogo em um lugar cheio de papel?

– Por causa dos ovos, das escamas, da magia... Sei lá! É o que o povo diz.

– Dragões e magia não existem.

– Você não viu um e por isso fica dizendo que não existe? – e fez a expressão enfezada novamente.

– Só acredito no que vejo.

– Então é um tolo da pior espécie! Não será por causa de sua descrença que as coisas deixarão de existir – Tute puxou um cantil do saco velho que estava ao seu lado e bebeu um intenso gole.

– Você já viu um?

– Não, mas como eu disse, já vi um corvo falante, o que já é magia suficiente para que eu acredite que toda sorte de outras coisas estão escondidas por aí.

– Todo mundo sabe que corvos falam, repetem algumas palavras que os donos ensinam – retruquei.

– Aquilo não é falar. Eu ‘tô’ falando é de corvo falante mesmo! ‘Tô’ nem aí se vocês acreditam ou não...

– Isso é água? – perguntei acerca do cantil de couro que segurava aberto sobre a perna.

– Água que passarinho não bebe... – e riu com todas as suas rugas, dando outro rápido gole.

A caravana parou. O líder estava negociando com o guarda da guarita suspensa. Em alguns minutos o portão de madeira começou a ser movido e a fila de pessoas, carroças e animais começou a entrar.

Minha hora de seguir viagem com aquele grupo havia chegado ao fim.

– Garoto, tome isso.

Vi o velho Tute segurando seu punhal com o cabo virado em minha direção. Ele estava me entregando.

– Você disse que tem isso desde que era mais novo do que eu – falei sem fazer menção de pegar a arma.

– E não posso mais usá-lo. esse punhal me serviu nas viagens e vai servir a você também. Pegue logo antes que eu o use pela última vez em um certo garoto orgulhoso... – franziu a testa, pronto a se indignar.

Ri da ameaça do velho enrugado, sem um pingo de verdade, e tomei o punhal, amarrando-o no cinto.

– Você que sabe, eu nunca usei uma arma em minha vida.

– Pois trate de aprender; viajar com uma caravana na Estrada de Sal é seguro como dormir em um quarto no palácio do rei Elodim. A coisa fica feia quando saímos sem rumo por aí.

Tirei o punhal da bainha presa na cintura e vi que a lâmina era polida, afiada e pontuda. Guardei novamente e sorri agradecido.

– Vou sentir sua falta, Tute. Algum dia procuro você na capital para contar algumas das minhas viagens também.

– Melhor se apressar; se esperar ficar com minha idade, seus ossos vão doer que vai detestar viajar para me procurar.

– Se eu deixar para procurá-lo quando tiver sua idade, acho que não vou encontrá-lo vivo. – olhei pelo canto do olho para ver a reação do velho.

– Uma ova que não vai – e deu outro gole, para depois gargalhar longamente. Acompanhei a graça, aquela seria a última piada com o velho Tute, naquela caravana.

A fila começou a se movimentar novamente, entrando como uma grande serpente em um buraco que considerou seguro. Quando chegou a minha oportunidade de entrar, acenei pela última vez para Tute e segui viagem pela Estrada de Sal, em vez de entrar na Florete de Prata.

Em pouco mais de duas horas de cavalgada tranquila, avistei a pequena estrada que saía da principal. Pude ver de longe a cordilheira de montanhas que provavelmente formaria o vale onde o Arquivo, a fortaleza e sede da Ordem dos Arquivistas e onde meu tio morava, estaria encravada.

Conheça o  
Portal do Arquivista!

[www.arquivista.net](http://www.arquivista.net)



[9bravos.com.br](http://9bravos.com.br)